

## 1 INTRODUÇÃO

Um assunto em voga na mídia é o chamado *bullying*. Não que os atos de violência e o exercício de poder no ambiente escolar sejam novidade, mas, com o acesso a novas tecnologias e a popularização da internet, essa forma de agressão ganhou novas plataformas de ação: sites de relacionamento, de postagem de vídeos caseiros e blogs. Mas por que estamos a falar disso quando o projeto de que resulta este relatório trata de representações literárias de identidades de gênero? Porque a escola não trabalha com o diferente, com o estranho, com o *queer*.

Guacira Lopes Louro, em sua obra *Um corpo estranho* (2008b, p. 15), afirma que “[...] o ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário.” Seguindo essa lógica, a escola torna-se também responsável por essa prática, e perde a oportunidade de problematizar a questão das identidades – e, em especial, com esta pesquisa, a identidade de gênero – fomentando e contribuindo assim com a perpetuação de preconceitos e tabus dos mais variados formatos – racial, sexual, religioso, econômico-social. Uma das ações para combater-se a violência no ambiente escolar passa diretamente pela necessidade de trabalhar-se com as diversas possibilidades de identidade. A literatura é um campo em que essa problematização pode ser encontrada; logo, serve assim de subsídio para que, nas aulas de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira, esse tema seja discutido e ressignificado.

Procuramos verificar se, em uma escola estadual de ensino médio de Porto Alegre, as diferentes representações de identidade de gênero proporcionadas pela literatura são trabalhadas no ensino de Literatura Brasileira junto a esse nível de ensino. Procuramos, através de entrevista, descobrir algumas questões que consideramos relevantes, como:

- e) Quais são os critérios utilizados pelo professor para fazer a seleção das obras a serem lidas na disciplina de Literatura Brasileira?
- f) A representação da identidade de gênero é um fator considerado nesse critério?
- g) O professor problematiza a questão da identidade, e, mais especificamente, da identidade de gênero?
- h) O professor e a escola relacionam ações de *bullying* a questões de identidades de gênero?
- i) Nas obras trabalhadas, há algum personagem que reflete ou representa a diversidade de identidades de gênero?

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nos últimos anos, alguns estudos (GARCIA, 2007; LOURO, 2008a, 2008b; FACCO, 2009) surgiram com o intuito de procurar entender qual é o papel da escola no processo de opressão nas relações de poder estabelecidas em seu meio. Afinal, a escola – entendendo aqui sua direção, sua coordenação pedagógica, seu corpo docente – é responsável, ou corresponsável, pelo aumento da violência em seus corredores, pátios e salas de aula? Em tempos nos quais as estruturas familiares estão cada vez mais esfaceladas, há inversões de valores em nossa sociedade, a violência está cada vez mais presente em nosso cotidiano, é chegado o momento de a escola assumir para si um papel de destaque no combate à violência, ao preconceito e à intolerância, sob pena de perder a sua importância e relevância no processo educacional.

A criança e o adolescente dedicam muito tempo da sua vida ao convívio escolar. Para muitos, é uma fase de autoconhecimento, de relacionar-se com o mundo e de aprendizagem. Para alguns, é uma fase de tortura, de medo e de opressão. Quem foge “do padrão de normatividade [...] homem branco, heterossexual, de classe média e formação judaico-cristã” (FACCO, 2009, p. 20) sabe das cobranças impostas pela sociedade desde cedo. Vestir-se adequadamente ultrapassa a noção de usar roupas limpas, bem cuidadas, aquecidas ou refrescantes – dependendo da época do ano. O ambiente escolar sabe ser muito hostil a um menino que queira usar uma camiseta rosa ou a uma menina que “adore” usar a camiseta de seu time de futebol – como se esses fatos fossem um indício de que a sexualidade seja fora do padrão preestabelecido socialmente. A simples suposição dessa possibilidade, ou ainda o fato de ela romper com “os padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar e de se portar” (LOURO, 2008a, p. 24) já é motivo de chacotas, de perseguição e de humilhação por parte dos alunos, e, em alguns casos, por parte de professores ou funcionários da escola. Por isso a importância de ela, como ambiente de ensino e aprendizagem, preocupar-se com isso e trazer para si a responsabilidade de harmonizar esse exercício de poder entre seus membros. Um caminho é a adoção de ações que visem ao trabalho com todas as identidades que são desviantes do padrão normativo.

Mas afinal, o que são identidades? Identidades são construções que o sujeito realiza ao longo de sua jornada, social e historicamente, sejam elas contraditórias ou correlatas; ou seja, são mutáveis, instáveis e voláteis (LOURO, 2008a, p. 26-27). Delimitando quanto ao gênero, essas identidades são construções através da identificação com o masculino e o feminino,

segundo Louro (2008a, p. 26). Scott (1995, p. 71) ressalta que esse termo passou a ser amplamente usado a partir da revolução sexual dos anos 1960, pelas feministas norte-americanas, pois a palavra “indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’”. O ‘gênero’ sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade.” Para essas feministas, a palavra gênero era essencial ao referir-se à organização social das relações entre os sexos.

Por isso a importância de a escola desempenhar um papel ativo nesse processo de problematização, pois

[...] a concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõem a outro (portanto uma ideia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe *ignorar* ou *negar* todos os sujeitos sociais que não se “enquadram” em uma dessas formas. (LOURO, 2008a, p. 34, grifo nosso).

E a escola não pode mais fechar os olhos para essa segregação e negação.

Scott (2005, p. 15) promove uma importante reflexão sobre o que é igualdade e como ela deve ser construída – reflexão essa que deve ser levada ao ambiente escolar: “A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente. Não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas sim o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração.”

### 3 METODOLOGIA

Realizamos uma entrevista (ANEXO), que foi aplicada junto a uma professora de Literatura Brasileira de uma escola de ensino médio da rede pública estadual de ensino em Porto Alegre/RS.

As respostas foram por nós analisadas em uma perspectiva qualitativa. O resultado dessa análise é apresentado na seção seguinte.



#### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Constatamos, através de entrevista com uma professora de Literatura Brasileira de uma escola de ensino médio da rede pública estadual de ensino do Rio Grande do Sul, localizada em Porto Alegre, que a problematização das identidades de gênero não é uma preocupação sua, da direção, ou da escola como um todo.

A professora defendeu que a temática relativa a identidades de gênero seja abordada, integrando um projeto mais amplo de combate ao *bullying*. Porém, afirmou desconhecer quais ações poderiam ser tomadas.

Ela demonstrou desconhecimento também acerca da existência de algum projeto nesses moldes sendo aplicado na escola. Revelou que realmente há uma necessidade de ações no sentido de tratar dessas questões envolvendo gêneros e identidade; contudo, manifesta temer a reação dos pais ante a abordagem de tal temática.

Quanto às obras de literatura selecionadas para leitura no decorrer do ano letivo, a professora afirmou que busca aquelas legitimadas pelo cânone, e que ela não se detém a questões individuais de enredo em si; sua preocupação é a abordagem das escolas literárias exemplificadas nas obras. A docente lembrou a obra *O cortiço* como exemplo de romance que possui personagens possíveis de serem trabalhados; entretanto, afirmou que essa abordagem precisa bem elaborada para poder ser aplicada corretamente.

Podemos perceber que a escola ainda mantém uma visão conservadora e fechada quanto às questões de identidades de gênero, negando-se a discuti-las, e assim possibilitando a proliferação e a perpetuação de preconceitos que geram a violência diária e repetitiva de uma das vertentes do *bullying*. As aulas de Literatura Brasileira, uma ótima oportunidade de abordagem desse tema, não são aproveitadas para isso.

Constatamos ainda que a seleção de obras a serem trabalhadas atende à premissa de serem ou não solicitadas no vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o mais disputado do estado. Isso é lastimável sob vários pontos de vista. Em vez de selecionarem-se obras que se aproximem da realidade dos alunos, que enriqueçam o seu repertório cultural, ou ainda que possibilitem a abordagem de temas distintos – como o que se propõe neste projeto –, a professora opta por seguir o ditado pela academia, sem sequer saber informar o percentual de alunos interessados em participar do vestibular da referida universidade ao concluírem seus estudos.

Embora a docente concorde com que o estado de violência seja crítico nas escolas da rede pública, ela afirma desconhecer qualquer ação que vise ao combate ao *bullying* – em

especial o relacionado à identidade de gênero – e se mostra temerosa da repercussão de um projeto assim, numa perspectiva mais específica quanto a esse caráter identitário, junto à direção, entre os pais e até na Secretaria de Educação.

Diante dessa realidade, que não deve ser diferente da de muitos professores e escolas, vemos o quanto precisa ser feito para romperem-se barreiras de desigualdades e reiteramos nossa convicção no importante papel que tem o trabalho com a literatura na escola também para a formação de indivíduos melhor integrados na sociedade.

## 5 CONCLUSÃO

Após a realização da entrevista, chegamos à conclusão preocupante de que a escola, como estabelecimento de multiplicação de ensino e conhecimento, ainda tem muito a evoluir no que concerne às questões de identidade de gênero.

Vemos que cabe a nós, que, em breve, estaremos atuando como professores, procurarmos reverter esse quadro.

Acreditamos na educação e na força incondicional da literatura. Com os resultados da pesquisa – embora incipiente – que empreendemos, subsídios para que, posteriormente, seja realizado um plano de ação, porque reiteramos nossa crença de que, com a interação entre alunos, professores e comunidade escolar, será possível criar essa nova realidade.

## REFERÊNCIAS

- GARCIA, Edson Gabriel. *Cartas Marcadas*. São Paulo: Cortez, 2007.
- FACCO, Lúcia. *Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infantojuvenil*. São Paulo: Summus, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2008a.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b.
- LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995, p. 71-99. Disponível em: <[http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen\\_categoria.html](http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html)>. Acesso em: 26 mar. 2010.
- SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Revista Estudos femininos*. Florianópolis, 2005, v. 13, n. 1, jan/abr 2005, p. 11-30. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2005000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 mar. 2010.